opusdei.org

«Nas zonas de conflito, há sede de Deus»

José de la Pisa Pérez de los Cobos (Valladolid, 10 de maio de 1971) é um dos 29 novos sacerdotes do Opus Dei, que receberam a ordenação em 27 de maio deste ano em Roma. Serviu na Armada durante 25 anos e é tenente-coronel de infantaria de Marinha. Em 2017, deixou a Armada para se preparar para o sacerdócio e defendeu a tese de doutoramento sobre “Virtudes humanas e Ética militar. Virtudes morais, apoio do

comportamento ético do militar”.

05/11/2024

José é o sexto de oito irmãos, com uma tradição familiar de três gerações vinculadas ao Exército. O avô e o pai foram oficiais de artilharia e o seu irmão Pedro é, agora, general de cavalaria. José decidiu-se pela Armada e ingressou na infantaria de Marinha.

Entrevista no *El Norte de Castilla*
Natural de Valladolid, trocou as forças especiais do exército pelo sacerdócio

---

Roma, um presente

Com 53 anos, pensa que os quatro anos de estudo em Roma, junto do Papa, “foram um presente”. “Vi – resume – a reação de Francisco perante alguém que sofre, que lhe conta uma pena, que tem um problema; vi como se desfazia completa e exclusivamente para com essa pessoa”

Os cinco anos na Escola Naval, seis meses a bordo do Juan Sebastián de Elcano, a estada na Escola de Mergulho da Marinha foram a preparação para uma intensa vida profissional.

Pode salientar algumas missões?

Tive a sorte e diria o privilégio, de comandar equipas de operações especiais da Marinha várias vezes; em especial na zona do Médio Oriente e no Líbano. Também estive

em África, nas costas da Somália em missões de luta contra a pirataria.

O mal das guerras

É bom endurecer-se perante o sofrimento?

Nessas missões, pode comprovar-se, em primeira mão, o mal que causam as guerras, o drama dos deslocados e daqueles que perderam tudo. Eram especialmente dolorosas as condições de vida dos refugiados sírios no sul do Líbano, encontrávamo-los por todos os sítios em condições de vida terríveis e sem acesso ao mais básico.

Conseguem chegar ao contacto pessoal?

Entrar nas zonas de refugiados tem grande impacto e procuramos aliviar as suas necessidades. Quando se fala com eles, quando nos mostram as suas cabanas e barracas ou nos

oferecem o que têm, damos conta que realmente todos somos iguais, temos os mesmos sonhos, necessidades e medos e que um pouco de humanidade e carinho resolve muitos problemas. Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi comprovar como a ideia de misericórdia e de dignidade da pessoa desaparecem fora do âmbito cristão.

Quando deixou a Marinha, em 2017, tinham-lhe atribuído o comando de um dos batalhões da Guarda Real, a unidade encarregada de dar proteção e honras militares ao Rei. De que sente mais falta na sua profissão?

Tudo… e nada ao mesmo tempo, porque ainda que não esteja no ativo, não perdi o contacto com os meus companheiros. De facto, agora procuram-me para pedir conselho espiritual com base na confiança.

Para mim, torna-se muito enriquecedor e, ao mesmo tempo, permite-me continuar em contacto com a profissão e a carreira militar.

E sobre a minha renúncia ao batalhão da Guarda Real, escrevi a S. M o Rei, explicando os motivos, dizendo que renunciava ao comando, para servir Espanha de outra maneira e que, nesse sentido, teríamos agora um chefe comum, pelo que esperava que não lhe parecesse uma má decisão e que, além disso, não lhe seria difícil encontrar outro candidato para o posto.

*Costaleros** em Sevilha

Como foi o seu ano de formação nos Estados Unidos?

Tive a sorte de estudar um ano (2010) nos Estados Unidos, na Universidade do *US Marine Corps*, em Quantico, Virgínia. Ali coincidi com outros 200

militares dos Estados Unidos e com outros 25 estrangeiros. Formámos logo um grupo social que parecia de anedota: um espanhol, um taiwanês, um tanzaniano, um afegão e um malaio. Fomos criando uma boa amizade… e surgiram as perguntas: sobre a Santíssima Trindade, o papel da Virgem… e assim muitas e muito variadas que eles imediatamente reinterpretavam segundo as suas crenças muçulmanas e xintoístas, o que me enriqueceu muito a mim. Com estudantes dos países da NATO, fizemos também um grupo e continuamos em contacto.

Fiz mais amizade com Brian, taiwanês que, veio visitar-me anos mais tarde, durante uma semana, na Quaresma. Fomos a Sevilha e encontrámos um grupo de *costalerosa* treinar-se… foi um grande desafio explicar-lho, de modo que acabámos na Macarena e, a seguir, na Catedral para procurar

que entendesse. Alguns anos depois, em 2021, Brian batizou-se. Agrada-me pensar que a sua visita à Macarena teve muito a ver com isso.

E reações de amigos e colegas à sua ordenação?

Encontrei todo o tipo de pessoas, muitas praticantes, a maioria crentes, mas também alguns sem fé ou nem sequer batizados. Neste ambiente, ser numerário do Opus Dei provoca muitíssimas perguntas e se, além disso, se trabalha num ambiente tão diminuto como o de um grupo de operações especiais, as perguntas são profundas, sem rodeios. Há muitas histórias maravilhosas, graças a Deus, como a de um tenente muito amigo que, agora, que me ordenei, diz que está disposto a que eu o batize.

Ajudar a chegar a Deus

A vida militar e a sacerdotal são parecidas?

Proponho-me fazer o meu trabalho sacerdotal do mesmo modo que fazia o meu serviço nas Forças Armadas. Ajudam-me muito as obras de São Josemaria: quero ajudar os outros, servir naquilo que é importante. Penso que isto serve para os dois trabalhos, ainda que, no sacerdotal, já não necessito de procurar "adversários": agora estou aberto a todos e posso dedicar-me às necessidades mais importantes das pessoas, ajudar a chegar a Deus.

Estamos a viver um Ano da Oração, convocado pelo Papa para preparar o Jubileu. Fale-me dos seus anos romanos.

Os meus anos em Roma junto do Papa foram um presente. Falava-nos, aos seminaristas, claramente e com força sobre a necessidade dos sacramentos, da oração, de cultivar a

amizade com Deus, de sermos sinceros, de ter direção espiritual e de não estarmos dependentes das redes sociais. Eram mensagens cheias de esperança, de realismo que ajudavam e que manifestavam o amor de Deus por todos nós.

Esta proximidade também permite dar-se conta do ritmo de vida do Santo Padre e da enorme tarefa que realiza e como se entrega a ela com uma generosidade que mexe connosco.

Levo também desta etapa romana a proximidade do Prelado do Opus Dei, Monsenhor Fernando Ocáriz. Quando falei com ele antes da ordenação, pedi-lhe conselho para ser amável e ter bom feitio. Fez-me ver que os outros esperam que seja um sacerdote cem por cento, que fale de Cristo como destacava São Josemaria e que as minhas opiniões estejam em segundo plano. Animou-

me a escutar primeiro e falar depois, a contar coisas, a interessar-me pelos outros sem polémicas, a unir com a ajuda de Deus.

A sede de Deus

Conviveu com pessoas de várias religiões e crenças, qual pode ser o distintivo do sacerdote? Que perfil se necessita hoje em dia?

Ordenamo-nos sacerdotes para levar Cristo a todas as almas, a todas, não só aos católicos. A partir das carências pessoais, pode ver-se a sede de Deus Isto vê-se bem nas zonas de conflito. Foi nesses destacamentos que tive conversas mais profundas sobre Deus com os meus homens, Sobre a fé, a misericórdia, o sentido da dor ou a existência do mal. Também encontrei essa sede entre os que sofreram as consequências: nos refugiados, na população civil e entre os combatentes dos dois lados.

Mesmo com fraquezas, se uma pessoa trata de servir os outros, se se apercebe das suas necessidades, as pessoas notam-no imediatamente e mostram interesse e curiosidade por esse comportamento. Então é necessário explicar o amor de Deus que está por detrás disso.

Recordo que São Josemaria pedia a ajuda de Deus para ser santo e padre, mestre e guia de santos. Que lhe sugere este desejo do seu Fundador?

Essa é a missão do sacerdote, primeiro cuidar da sua própria vida interior, da sua piedade e da sua intimidade com Jesus Cristo. Depois, pode fazer as vezes de Jesus, levar aos outros a misericórdia, a ternura e o amor de Deus. Cada um, cada uma, foi escolhido por Deus para ser santo e é uma maravilhosa missão recordá-lo a todos. Esta missão é de todos os batizados, mas o sacerdote dá acesso

aos sacramentos, o que, apesar da sua debilidade, lhe permite acompanhar e cuidar como o faria Cristo.

Um bom grupo da sua família, entre os quais dois sacerdotes jesuítas, com os quais pôde concelebrar a Missa, participou na sua ordenação.

Sim, foi uma alegria compartilhar esse momento com dois dos meus primos. Ambos são jesuítas: Diego, que vive em Roma e dá aulas na Gregoriana, é especialista em Doutrina Social da Igreja e Alfonso, que agora trabalha em Madrid, já viveu nas favelas do Rio de Janeiro e em alguns dos lugares mais pobres e perigosos do mundo; as suas histórias e testemunhos dão-me uma visão “de dentro” dos refugiados e dos mais necessitados. Nestes anos, agradeci muito o seu exemplo e os seus conselhos sobre o sacerdócio.

[*] N.T.: ***Costalero*:** A média de peso das imagens cada *Paso* situa-se entre os 1500 e os 2000 kg. Aí entra a figura dos *Costaleros*, que as levam às costas pelas ruas de Sevilha na Semana Santa. Trata-se de um trabalho duro, em que são necessárias grande precisão e organização. Afinal, ninguém quer ver uma imagem do século XVII, repleta de sentido religioso e histórico, a cair no chão. A distribuição dos *costaleros* pode variar entre as confrarias, mas geralmente são cerca de 40 pessoas, distribuídas por 8 fileiras. O ritmo e a velocidade são definidos pelo Capataz, que impõe o ritmo da marcha, as pausas e as eventuais trocas de turno para o merecido descanso. (Fonte: *Internet*)

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/nas-zonas-de-conflito-ha-sede-de-deus/ (18/11/2025)